

# MICROSCÓPIO

12.1.49 RAUL PILLA

Houve quem, no recente episódio da demissão do ministro sr. Correia e Castro, tivesse querido ver a prova da excelência do sistema presidencial, pois não impediu este fôsse um mau ministro despedido. Cumpre observar, porém, não ser das melhores a prova e, mais, revelar ela não a observância, senão, pelo contrário, a aberração das regras clássicas do regime.

Não é das melhores a prova, porque seguramente há mais de um se vinham levantando, no Congresso, graves acusações à probidade administrativa do sr. Correia e Castro, sem que com isto se lhe conseguisse abalar, sequer, a posição, já que o sr. presidente da República continuava a dispensar-lhe toda a sua conjuença, ou, melhor, todas as suas preferências. Nem a concessão das refinarias de petróleo, nem a liquidação das existências do Departamento de Café, nem a escandalosa antecipaçaõ do resgate do empréstimo tomado por esta entidade lhe fizeram mozza, quando qualquer destes fatos, por si só, teria sido suficiente para derrubar um inteiro ministério no sistema parlamentar. Para que o ministro por fim saísse, necessário foi a divulgação de uma carta atentatória dos brios nacionais e que a luz expunha a própria defesa nacional. Não se pode, pois, negar que tarde chegou a demissão.

Representa também o episódio uma aberração das regras fundamentais do regime, porque, baseando-se este no principio da independência dos poderes levado até às raias do absurdo, só do presidente depende a nomeação, a permanência, a demissão dos ministros, em nada podendo ou devendo influir a posição que a respeito deles tome o Congresso. Ora, é sabido que o presidente não se queria desfazer do ministro e que foi a pressão do parlamento, da imprensa, além de outros fatores, o que o levou finalmente a isto. Imagine-se agora que se reproduza e multiplique o precedente e passem os ministros do presidente, como outrora os ministros do rei, a fazer-se sensíveis às manifestações do Congresso: será uma evolução feliz, não há dúvida, mas uma evolução trunca para o sistema parlamentar.

Aí está, pois: o regime presidencial só manifesta as suas virtudes quando deixa de ser o que é e quiseram os seus construtores que fôsse, para se aproximar mais ou menos das práticas parlamentares. Ninguém ignora, depois da clássica obra de Wilson "Governo Congressual", que o regime norte-americano evoluiu grandemente e se achou a meio caminho do parlamentarismo. É muito mais um parlamentarismo rude, tosco, contraditório, imperfeito, que o presidencialismo consagrado na Constituição.